

Documentação

SOCIOAMBIENTAL JT

Fonte

Data 14/6/2000 Pg. 3A

Class. 158

'Gaffes' amazônicas

É simplesmente patético que militares de alta patente no Brasil levassem a sério a hipótese, ventilada em boatos via Internet, de que ONGs ambientalistas internacionais, que vivem em guerra umas com as outras, estariam mancomunadas entre si e com governos do Primeiro Mundo (com os quais, aliás, elas mantêm atritos mais graves que este que se quer criar entre elas e o brasileiro), para "fazer a cabeça" de criancinhas de escolas americanas a respeito de uma Amazônia internacional, falsificando mapas em livros didáticos.

A idéia da internacionalização da Amazônia existe, sem dúvida, e decorre da total desesperança em relação à capacidade de os próprios brasileiros deterem a devastação absurda que segue sendo perpetrada graças ao completo irrealismo de todos os que discutem esse problema em termos ideológicos, militares ou ONGs. Mas é apenas mais um sonho difuso. Julgar que ONGs internacionais, em tudo parecidas com as locais, têm nível de organização suficiente para articular uma conspiração planetária, levando diversos governos a dançarem para sua música, é superestimá-las a um nível que beira a comicidade.

Na verdade, o radicalismo da maioria das nossas próprias ONGs – que atrai o radicalismo da ponta oposta que, na semana passada, se manifestou – é que tem bloqueado a esperança de se pôr em prática uma verdadeira política ambiental no Brasil. O discurso dessas ONGs – e há uma exata tradução disso na área institucional que, pela posição que elas ocupam no Conama, é diretamente influenciada por elas – é exclusivamen-

te de negação. Sabemos o que elas não querem que se faça. Mas não o que elas querem que seja feito. E políticas públicas só se realizam quando têm um sentido propositivo. Quando podem resultar em soluções, ação e construção, e não se limitar à eterna defensiva.

O que desmoraliza nossas ONGs, apesar de todo o seu louvável esforço para deter os ganhadores de dinheiro sem compromisso com mais nada associados aos políticos corruptos, é que, levado à prática, seu discurso implica necessariamente o despovoamento da Amazônia, ou o regresso de seus 20 milhões de habitantes ao estágio de coletores primitivos, a quem seria vedada também a caça. O resto do mundo encontrou a solução pondo em prática o avesso disso: a ocupação e o uso intensivo dos produtos renováveis da natureza (que são, por excelência, os da fauna, já que falar da flora implica aprovar a destruição de habitats, como vem ocorrendo com a coleta supostamente "sustentável" de

madeira, que nossas ONGs preferem ao turismo intensivo de caça e pesca esportivas) produziram o milagre de pôr a mesma ganância, que nossas leis só autorizam que se manifeste para destruir, a serviço da conservação, com fantásticos resultados para a qualidade do meio ambiente que podem ser medidos e checados em todos os países do mundo, de todos os regimes políticos.

Quando nossos ambientalistas se permitirem reconhecer os dados dessa realidade – se já não for tarde demais –, o Brasil deixará de ser a única exceção e poderá colher os mesmos frutos que todos eles já estão colhendo.

Os impasses ideológicos sobre o destino e o uso a ser dado à Amazônia facilitam a sua destruição e alimentam os boatos absurdos que cercam a questão
